

# Celebrar o dom da salvação

## *Celebrate the gift of salvation*

*Luiz Fernando Ribeiro Santana*

*Fábio Luiz de Souza*

### Resumo

O presente artigo intenta refletir acerca do aspecto terapêutico do culto litúrgico. Toma-se por base deste itinerário o entendimento de “natureza da liturgia” apresentado pela constituição *Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. O testemunhado das Sagradas Escrituras acerca da vontade de Deus pela salvação do homem é o ponto de partida para estudar os aspectos sanantes do culto litúrgico. A constituição sobre a sagrada liturgia quer levar a uma compreensão de liturgia que vai além do aspecto meramente exterior. O *locus* principal do culto é a história da salvação. A ação litúrgica como a participação nesta história sagrada promove uma salvação que é também cura, libertação, resgate e conduz à ressurreição o homem redimido. Dando especial atenção ao quinto parágrafo da constituição *Sacrosanctum Concilium*, se deseja explicitar o que de terapêutico há neste processo. O Mistério Pascal é a grande obra de salvação e de cura que Deus opera em pela humanidade: na potência do Espírito Santo, o fiel que vivencia o mistério da liturgia é sanado através da experiência da vida do Verbo Encarnado. Ele continua, assim, seu ministério redentor pela Igreja na missão de levar todos os homens à participação da plenitude do culto divino.

**Palavras-chave:** Celebração. Participação. Liturgia terapêutica. Sanação. Celebração litúrgica.

## Abstract

This article intends to reflect on the therapeutic aspect of liturgical worship. The understanding of “nature of the liturgy” presented by the *Sacrosanctum Concilium* decree on the sacred liturgy is taken up in this article. The witness of Sacred Scripture about God's will for salvation is the starting point for studying the healing aspects of liturgical worship. The decree on the sacred liturgy aims to lead to an understanding of liturgy that goes beyond the merely external aspect. The main locus of worship is the history of salvation. Liturgical worship as participation in this sacred history promotes a salvation that is also healing, liberation, redemption and leads the redeemed man to resurrection. Focusing on the fifth paragraph of the *Sacrosanctum Concilium* decree, we want to make explicit what is therapeutic in this process. The Paschal Mystery is the great work of salvation and healing that God works for humanity: in the power of the Holy Spirit, the believer who experiences the mystery of the liturgy is healed through the experience of the life of Jesus Christ. He thus continues his redemptive ministry for the Church in the mission of leading all men to participate in the fullness of divine worship.

**Keywords:** Celebration. Participation. Therapeutic liturgy. Healing. Liturgical celebration.

## Introdução

“Fizeste-nos para ti [Senhor], e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.<sup>1</sup> Esta declaração de Santo Agostinho encontra-se no primeiro parágrafo de sua famosa obra “Confissões”. Ele recorda sua busca pela verdade e pelo único que poderia preencher seu coração. A inquietação que tanto incomodou o bispo de Hipona tem muito a nos ensinar: falta algo no coração humano. Existe uma carência profunda que não pode ser atendida por nada senão o próprio Deus. É uma famosa afirmação, e, ao mesmo tempo muito breve, mas que tem muito a nos ensinar.

Em primeiro lugar, com o verbo “fizeste-nos”, Agostinho nos lembra que temos uma origem em ninguém menos que o próprio Deus. Desde o primeiro sopro que insuflou o espírito vivente aos nossos primeiros pais, todos nós

---

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Confissões, I, 1, 1.

somos moldados pelas suas mãos no barro de nossas famílias e, pelo sopro dos lábios do Pai, o Espírito nos dá a vida.<sup>2</sup>

O bispo de Hipona afirma, também que fomos feitos para Deus. Temos assim origem e destinação no próprio Deus. No entanto, a inquietação de estar afastado d'Aquele que é nossa origem e destino é experimentada pelo homem de hoje. Nosso estado de plena realização é repousar em Deus, que nos criou para Ele. Quando, porém, estamos afastados não podemos cumprir nossa sublime vocação. Há uma desarmonia, uma alteração na ordem das coisas como desejada por Deus. O homem que Deus criou para si está doente.

Como é o desejo de Deus que nenhum dos seus se perca (Jo 6,39), logo após a queda, revela um plano de resgate. O homem enfermo deve ser curado. O Senhor, que nos criou e nos vocacionou a Ele, traça um plano de resgate, de salvação a ser revelado ao longo da história da salvação. Um plano que deve promover cura em virtude da plena realização dos anseios da criatura humana.

## 1. O ministério sanante de Jesus e da Igreja

“Deus, que “quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens”.<sup>3</sup> Com essa lapidária e genial proclamação da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* iniciamos o primeiro item do nosso Artigo. Ele visa tecer breves considerações acerca do dom da salvação, que, brotando da amorosa iniciativa de Deus, se efetiva total e definitivamente em Cristo e se prolonga em sua Igreja, sempre em benefício da pessoa humana. Com efeito, tal proclamação diz respeito ao projeto de Deus, desde sempre nutrido em sua mente, em relação ao primor de sua criação: o homem e a mulher. Afinal de contas, eles foram criados à sua “imagem e semelhança” (Gn 1,26).

Uma vez imbuída profundamente da capital importância desse projeto salvífico e de sua privilegiada posição de eixo e núcleo de toda a revelação bíblica, é daqui, precisamente, que a *Sacrosanctum Concilium* decide partir para descortinar a sua abordagem no concernente à “natureza” da liturgia.<sup>4</sup> Ao expor os princípios da reforma e do incremento do culto divino, a Constituição Litúrgica se propõe, antes de tudo, a precisar o que entende por “natureza da liturgia”. Disso dependerá a compreensão da sua importância na vida da Igreja.

<sup>2</sup> “(Creio) no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho, simultaneamente é adorado e conglorificado”- DH 50.

<sup>3</sup> SC 5.

<sup>4</sup> Convém aqui ressaltar que o tema da “natureza” da liturgia e sua importância na vida da Igreja se encontra nos parágrafos 5-12 da *Sacrosanctum Concilium*.

A “natureza” e “importância” da liturgia, com efeito, são apresentadas e especificadas pelo Documento a partir do *locus* que mais convém ao pensamento do Concílio: a história da salvação. Doravante – como era comum até o Concílio Vaticano II – a liturgia não poderá ser devidamente compreendida se limitada a um conjunto de normas rubricais. É a partir de seu mistério e da sua natureza que ela, de acordo com a revelação bíblica e o pensamento dos Santos Padres, encontra a sua chave hermenêutica. Estamos nos referindo ao “mistério” da salvação querido por Deus, realizado por Cristo e continuado na Igreja através da liturgia.

Nessa linha de reflexão somos postos em contato com a proposta teológica, catequética e pastoral da *Sacrosanctum Concilium*. Nessa ambientação, o que nos interessa precipuamente é “pinçar” a noção bíblico-teológica de salvação contida no quinto parágrafo do nosso documento. Ela, outrossim, é de tal modo determinante que se torna capaz de projetar luzes de entendimento no que concerne à importância do culto na vida e missão da Igreja. O projeto soteriológico de Deus é muito bem expresso no texto conciliar, o qual se serve de um pensamento extraído da teologia paulina (1Tm 2,4). O dito do Apóstolo, efetivamente, nos coloca em contato com a própria vontade de Deus, com aquilo que mais ele porta no coração e deseja realizar.

A noção de salvação, tanto no hebraico quanto no grego, corresponde àquela verdade fundamental encerrada no pensamento bíblico e que também é parte estruturante da experiência humana: ser salvo é ser retirado do abismo da dor, da doença, da morte. Conforme a natureza do perigo, o ato de salvar se afina com “proteção”, “libertação”, “resgate”, “cura”, “ressurreição”. A experiência de salvação, por sua vez, se relaciona à saúde, vitória, vida e paz.<sup>5</sup>

Apoiando-nos no pensamento bíblico podemos inferir que a noção de salvação se atrela àquela de comunhão. Ao ser agraciado com o dom da salvação, o homem bíblico era, de forma consecutiva, conduzido a saborear a força da comunhão com o seu Deus. Parece-nos importante matizar esse dado uma vez que a visão de “salvação” transmitida por uma certa impostação teológica e/ou catequética – sobretudo no Ocidente cristão –, não raro nasceu de um certo “hamartocentrismo”.<sup>6</sup> Em outros termos, houve uma forte

<sup>5</sup> LESQUIVIT, C.; GRELOT, P., Salvação, p. 938.

<sup>6</sup> De “*hamartia*”, do grego, significa “pecado”. Já a visão da salvação proposta pelo Oriente cristão nasceu de um teocentrismo, o qual acentua a vocação do homem à divinização. Deus, por sua vez se mostra como o *Agápe* que se volta para o homem a fim de atraí-lo e fazê-lo participar de sua vida de amor e comunhão. Para ilustrar essa perspectiva oriental sugerimos: SPITERIS, Y., *Salvezza e peccato nella tradizione orientale*, p. 31-69.

tendência de se acentuar na teologia ocidental a realidade do pecado cometido pelo homem e, em decorrência disso, de se delinear o rosto de Deus como um ser implacável, sedento de justiça.<sup>7</sup> Não obstante o enorme estímulo dado aos cristãos no que se refere ao um vivo e permanente contato com a Bíblia – estímulo advindo, em grande parte, do Movimento Bíblico do século passado e do Concílio Vaticano II – essa falsa imagem de um Deus justiceiro encontra ainda cidadania entre os cristãos e projeta fortes ressonâncias no modo de se conceber a liturgia e a celebração sacramental do povo de Deus.<sup>8</sup>

Sempre enraizados no quinto parágrafo do documento conciliar, podemos verificar que o desígnio salvífico de Deus é levado a termo por ocasião da encarnação de seu filho único. Esse Deus, que, ao longo da primeira aliança não cessa de esboçar seu projeto soteriológico:

Havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas (...), quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, “médico carnal e espiritual”.<sup>9</sup>

Segundo essa ampla e profunda cristologia do documento somos confrontados com a pessoa e missão do Filho de Deus em sua identidade de “médico carnal e espiritual”. Essa imagem cristológica se relaciona intrinsecamente àquele desígnio ecumênico que comove as entranhas de Deus: salvar todos os homens. De fato, esse desejo de Deus é assumido radicalmente por Jesus de Nazaré; e, gradativamente, ele vai se tornando o impulso e movente de sua missão messiânica. Não sem razão, a totalidade de sua essa missão é condensada e muito bem expressa nas palavras de Pedro em seu discurso na

---

<sup>7</sup> “Desta forma, a soteriologia apresentada até aqui no artigo quinto, compreende o envio do Verbo para reconciliar – estabelecer a nova e eterna Aliança – e apaziguar – uma vida obediente e oferente a Deus – o relacionamento entre Deus e os homens. Não obstante, deve ficar bem claro, para não cairmos na armadilha das doutrinas da satisfação clássicas, que, existe um giro de enfoque na compreensão bíblica. Não é Deus Pai ferido e irado que exige dos homens uma justiça; bem sim, é o homem quem está ferido em seu prisma relacional – com a Trindade, com os outros, consigo e com a criação. Deus não vem exigir justiça, satisfação e punição. Ele, no envio de seu Filho, age terapêuticamente – reconciliando e apaziguando – o homem ferido” - FINELON, V.G., *A mística litúrgica cristã*, p. 61.

<sup>8</sup> Na práxis pastoral dos sacramentos é fácil constatar falsa imagem de um Deus justiceiro sempre quando nos aproximamos dos sacramentos da fé não num elã celebrativo em resposta ao amor misericordioso de Deus, mas para cumprir um preceito religioso ou para aplacar um Deus irado, a quem devemos “prestar contas”.

<sup>9</sup> SC 5.

casa de Cornélio: “Jesus de Nazaré (...) passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele” (At 10,38).

De fato, os evangelhos e o restante do Novo Testamento são incansáveis em mostrar a atuação messiânica e pastoral de Jesus num véis essencialmente soteriológico e salvífico-terapêutico. Em suas palavras, gestos e ações, Jesus se mostra realizando totalmente a esperança de salvação que atravessa e alimenta toda a antiga economia. Por essa razão alguns escritos neotestamentários atribuem o título de “*soter*” (salvador) não apenas a Deus, mas também a Jesus (Lc 2,11; Jo 4,42; At 5,31; 13,23; Ef 5,23; 2Tm 1,10; 2Pd 1.1.11.). O próprio Jesus se autocompreende como o servo de Deus que, tendo sido ungido pelo Espírito do Senhor, encontra-se agora capacitado a “curar os quebrantados de coração”. Daí a razão pela qual, iniciando o seu ministério na Galileia, ele – segundo a perspectiva lucana – assume o oráculo que se encontra em Is 61,1-2, ciente de que sua missão, doravante, realizaria-se no âmbito dessa profecia (Lc 4,18-19).

Ao longo de sua atividade messiânica, Jesus se mostrou profundamente solidário a todas as formas de sofrimento humano. Trata-se de uma solidariedade que é um vivo reflexo da compaixão de Deus. Nesse profeta escatológico e definitivo se confirma aquilo que fora profetizado por Zacarias: a entranhada misericórdia de Deus nos veio visitar e abraçar em seu Filho (Lc 1,78). Certo disso, Jesus, de fato, insistia em declarar que viera para os doentes, uma vez que são eles que necessitam de médico, e não aqueles que se consideram sãos (Mt 9,12). Incansavelmente ia ao encontro do doente – que, à luz da Escritura é, fundamentalmente, alguém que decidiu se afastar da comunhão com Deus para gravitar em torno a si mesmo em terras longínquas. Ia em busca de uma ovelha doente a fim de alcançá-la e estreitá-la no caloroso abraço terapêutico de Deus: “Ele estava ainda ao longe, quando o pai o viu, encheu-se de compaixão, correu, lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20). Dessa forma é que Jesus “curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demônio e de diversas deficiências físicas; por três vezes, restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma”.<sup>10</sup>

Atendo-nos ainda ao quinto parágrafo da *Sacrosanctum Concilium*, podemos verificar que é, precisamente, pelo “mistério pascal”<sup>11</sup> que Deus leva a

<sup>10</sup> SD 16.

<sup>11</sup> Graças ao enorme estímulo advindo do Movimento Litúrgico, o Concílio Vaticano II resgatou a noção bíblico-patristica de *mysterium paschale*. Apesar de não ser propriamente uma expressão bíblica, ela reúne dois conceitos fundamentais que derivam do Novo Testamento: “mistério de

termo a sua arquitetura de salvação. “Por este mistério, Cristo, morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, recuperou a nossa vida. Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”. Tendo vivido uma existência que respirava e transpirava a força salvífica de seu Deus, numa contínua passagem da morte para a vida, Jesus, ao termo de sua existência terrena, tem consciência de que é chegada a sua “hora” e que, através dela, Deus seria glorificado (Jo 12,23). Em face disso, decide se entregar nas mãos daquele que o poderia salvar da morte (Hb 5,7). A morte é a máxima expressão e o ponto terminal de uma enfermidade. Encarnando em sua pessoa a profecia do “servo sofredor”, Jesus está ciente de que “eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (Is 53,4).

Em sua passagem pascal, Jesus experimentou, no próprio corpo, a potência salvífica e terapêutica de Deus. Tendo sido ressuscitado, ele agora se torna fonte de salvação e vida para toda a criatura humana. Com efeito, por meio de sua vida, morte e ressurreição, ele ofereceu à humanidade uma resposta cabal e definitiva ao drama e ao enigma da enfermidade, da dor e da morte. Essas realidades, muito bem sabemos, não cessam de se impor, de forma sempre mais violenta e agressiva, a todo ser vivente. Agora, porém, vistas e decodificadas a partir da ótica pascal, elas se transmutam em *locus* privilegiado da salvação e do acolhimento do amor que Deus não cessa de nos oferecer. Em cada situação que ameaça destruir a nossa vida, Deus se manifesta e oferece àqueles que o acolhem a “salvação que provém da Páscoa, o amor supremo que por nós expressou de uma vez por todas na morte e ressurreição de seu próprio Filho, e que hoje continua manifestando àqueles que passam por essa situação”.<sup>12</sup>

O registro “do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” poderia equivaler a “graças ao mistério pascal, a Igreja nasce como um corpo sacramental, na força do Espírito Santo”. O evento de Pentecostes, meta da Páscoa, descortina decisivamente uma nova etapa da história da salvação: o tempo da Igreja.<sup>13</sup> Do Sacramento primeiro e primordial – morto e ressuscitado – nasce, do parto pascal, o “*mirabile sacramentum*”, a Igreja. É a conclusão do quinto parágrafo da Constituição Litúrgica, o qual se engata ao seguinte e com ele forma um todo orgânico, fortemente atrelado na força das expressões “portanto”, “assim como” e “assim também”: “Portanto,

---

Cristo” (Cl 4,3; Ef 3,4) e “Cristo, nossa páscoa” (1Cor 5,7). *Mysterium paschale*, com efeito, é uma expressão axial e nuclear, norteadora da teologia litúrgica proposta pelo Concílio. Sobre isso, conferir: GIRARDI, L., *Sacrosanctum Concilium*, p. 91-94.

<sup>12</sup> RUSSO, R., *Unção dos Enfermos*, p. 240.

<sup>13</sup> MILITELLO, C., *La Chiesa “il corpo crismato”*, p. 525-529.

assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo”.<sup>14</sup> Isso é de extrema importância, pois evidencia a intenção da teologia conciliar em imbricar a missão terapêutica de Jesus àquela da Igreja, ambas decorrentes e dependentes; ambas identificadas e caracterizadas pela missão de “salvar todos os homens”: “O conteúdo da missão eclesial se refere diretamente à obra soteriológica realizada por Jesus Cristo. O texto do artigo sexto destaca isso na expressão “Assim como (...), assim também”.<sup>15</sup>

A missão salvífico-terapêutica, centro de gravidade do ministério messiânico de Jesus, passa a ser também a de seu Corpo, dado à luz na manhã de Pentecostes, na qualidade de um Corpo sacramental. É nesse Corpo e por meio dele que, doravante, o Senhor deseja dar continuidade à sua atividade de cura, agora confiada à sua Igreja: “Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre demônios. Bem como para curar doenças, e enviou-lhes a proclamar o Reino de Deus e a curar” (Lc 9,1). A Constituição *Lumen Gentium* nos recorda que a Igreja é, em Cristo, “como que um sacramento ou sinal”<sup>16</sup> que está a serviço do anúncio Reino de Deus, o único capaz de gerar a comunhão perdida dos homens com Deus, entre si e com o restante do criado. Na perspectiva da nossa proposta, devemos salientar que esse dizer do Concílio pode ser perfeitamente aplicado ao mistério da Igreja e de sua vocação de ser no mundo dividido e adoecido um “Sacramento” que não cessa de promover a unidade, que é fonte de salvação, cura e comunhão.

Ser Corpo sacramental de cura para a humanidade dilacerada pelas enfermidades é, portanto, uma das principais tarefas da Igreja. Uma tradução bastante límpida disso nos é fornecida pelo Catecismo da Igreja Católica ao tratar dos “Sacramentos de Cura”,<sup>17</sup> a saber, Reconciliação e Unção dos Enfermos:

O Senhor Jesus Cristo, médico das nossas almas e dos nossos corpos, que remiu os pecados ao paralítico e restituiu-lhe a saúde do corpo quis que a sua Igreja continuasse, na força do Espírito Santo, a sua obra de cura e de salvação, também junto de seus próprios membros.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> SC 6.

<sup>15</sup> FINELON, V. G., A mística litúrgica cristã, p. 81.

<sup>16</sup> LG 1.

<sup>17</sup> CORBON, J., de forma sugestiva, denomina os sacramentos da Reconciliação e Unção dos Enfermos de “epicleses de cura” ou de a vitória sobre a morte”: CORBON, J., A fonte da liturgia, p. 127-131.

<sup>18</sup> CEC 1421.



Aqui temos, naturalmente, a exemplificação de dois “Sacramentos de Cura”. Sabemos, porém, que a própria Igreja, em seu mistério, é “sacramento de salvação integral” e, em tudo o que faz por palavras, gestos e ações, o faz em virtude do seu “agir sanante”.<sup>19</sup>

A Igreja não cessa de ser dinamizada pelo Espírito Santo, e por ele impulsionada, a celebrar, sem cessar, a Páscoa de seu Senhor em cada um de seus atos litúrgicos. Chamando a nossa atenção para a dimensão terapêutica da liturgia e da celebração dos ritos sacramentais como fonte de saúde e salvação, B. Haring sublinha que essas celebrações “contêm em si a energia de plasmar não só a conduta, mas também o próprio caráter dos fieis, de forma que eles, num sentido profundo, tornam-se ‘sacramento’, sinal sensível e eficaz da salvação no sentido universal”.<sup>20</sup> Na sua condição de “Sacramento de Cristo”, a Igreja encontra a sua mais profunda identidade na medida em que se redescobre continuadora da missão salvífico-terapêutica de Jesus. Como ele, também ela é enviada a um mundo esmagado pelo sofrimento a fim de “curar os quebrantados de coração”. “É preciso afirmar com ênfase sempre maior, no nosso mundo ferido, que a vida sacramental produz a cura integral da pessoa”.<sup>21</sup>

## 2. A vocação terapêutica da Igreja

A Sagrada Escritura traz como dado de revelação que o ser humano foi criado à imagem de Deus: “Façamos um ser humano à nossa imagem e segundo a nossa semelhança (...) e Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus os criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27-28). A literatura sapiencial compreende esse fato associando-o à uma vocação para a incorruptibilidade: “Ora, Deus criou o ser humano incorruptível e o fez à sua própria imagem e semelhança” (Sb 2,23).

A criatura humana é a única na terra que Deus quis por si mesma<sup>22</sup> e, por isso, é chamado a compartilhar da vida divina.<sup>23</sup> A realidade do pecado, porém, vem frustrar a atualização desta vocação. O estado de amizade e harmonia com Deus que o homem possuía é perdido quando, no pecado original, assume a fraqueza da condição decaída. Criado como ser harmônico e íntegro, o pecado o

<sup>19</sup> SANDRIN, L., Chiesa, comunità sanante, p. 44-50.

<sup>20</sup> HARING, B., A dimensão terapêutica da liturgia, p. 24. Conferir ainda: GIRARDI, L., La salvezza celebrata *per ritus et preces*, p. 33-50.

<sup>21</sup> LANGELLA, A., A função terapêutica da salvação na experiência da Igreja, p. 148.

<sup>22</sup> GS 23.

<sup>23</sup> CEC 356.

fere e o fragmenta: “O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta, e quão dramática, entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas”.<sup>24</sup> Afastado de Deus, o ser humano não encontra mais apoio naquele que o criou. Passa agora a viver numa situação *não-firme* (em latim: *infirmu*), isto é, enfermo. A ausência do estado original de comunhão que possuía com Deus, segundo o próprio projeto divino para o homem, pode ser então entendida como uma enfermidade.

O Catecismo da Igreja Católica afirma que era o plano de Deus que o ser humano fosse plenamente divinizado por Deus na glória. Para isso foi criado em estado de santidade original.<sup>25</sup> Esta compreensão ressalta o drama do estado de pecado em que o homem se encontra após a queda dos primeiros pais. A ausência do estado que deveria possuir não o permite tornar-se aquilo que foi chamado a ser. A resposta de Deus para curar a humanidade é o plano de salvação. “A redenção do poder do pecado acontece somente perante a clemente iniciativa de Deus, que alcançou seu alvo final em Jesus Cristo”.<sup>26</sup>

O número 5 da constituição *Sacrosanctum Concilium* ressalta o desejo de Deus por esta salvação do homem. O documento, citando Santo Inácio de Antioquia, reconhece Jesus como “médico corporal e espiritual”, mostrando, assim, que ação salvífica pode ser entendido, também, como um processo de cura, de sanação.

O Mistério supremo e último do cristianismo, o fundamento e princípio de todos os mistérios cristãos, é a revelação de Deus na pessoa do Logos encarnado.<sup>27</sup> Pelo seu Mistério Pascal, Jesus salva e cura a condição enferma do homem. A constituição sobre a sagrada liturgia aponta que esta salvação sanante nos é conferida através do mistério da Igreja, nascida do lado de Cristo dormindo na cruz.

Para o antigo Israel, figura e sinal profético da Igreja, a redenção e liberdade passam, necessariamente, pela criação. Sendo Javé o Deus vivo e o Deus da vida, a salvação se constitui numa experiência com este Deus que salva: “Eu lhes darei um coração capaz de me conhecer, pois eu sou o Senhor. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus, pois voltaram a mim de todo coração” (Jr 24,7). No decorrer da caminhada da história, porém, o povo da primeira aliança compreendeu a salvação divina sob várias concepções. Partindo da libertação do cativeiro do Egito e da conquista da terra até a estabilidade da monarquia, a salvação é reconhecida sob um caráter principalmente político e nacional. Trata-se também de uma salvação

---

<sup>24</sup> GS 22.

<sup>25</sup> CEC 398.

<sup>26</sup> SATTLER, D., SCHNEIDER, T., Doutrina da criação, p. 156.

<sup>27</sup> CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 77.

comunitária, ainda não pessoal. O justo abençoado é aquele que pode gozar da plenitude de seus bens vitais e terrenos. Apenas tardiamente o pensamento de Israel começa a distinguir a vida abençoada e realizada para entender a redenção como um relacionamento com o Deus salvador.<sup>28</sup>

Deus revela pelos profetas sua intenção de resgatar e curar seu povo:

Sião vinha dizendo: ‘o Senhor me abandonou, o Senhor esqueceu-se de mim!’ Pode uma mulher esquecer-se de su filhinho, a ponto de não compadecer-se do filho de suas entranhas? Mesmo que ela se esquecesse, eu, contudo, não me esquecerei de ti (Is 49,14).

Os acontecimentos do primeiro testamento preparam a vinda do Salvador na plenitude dos tempos. Porém, é uma preparação que não se constitui de uma realização progressiva da salvação definitiva, mas como uma expectativa, um espera desta: a realidade da salvação encontra-se toda e somente no mistério de Cristo.

Deus apresenta seu plano de cura ao ser humano pela encarnação do Verbo Eterno:

Consiste a economia de Deus, nosso Salvador, em soerguer o homem após a queda, e fazer com que recupere a amizade com Deus, escapando da condição de inimizade em que se encontrava, devido a sua desobediência. Daí origina-se a vinda de Cristo na carne, o exemplo de sua vida de acordo com o evangelho, a paixão, a cruz, o sepultamento, a ressurreição. Assim, o homem salvo, através da imitação de Cristo, recupera a primitiva adoção filial.<sup>29</sup>

Jesus Cristo é o ponto alto de toda a economia do Antigo Testamento. Antes da encarnação tudo aponta para o Verbo encarnado; e após, tudo depende de Cristo. Ele ocupa, assim, um papel central no mistério de Deus.<sup>30</sup> Só podemos compreender a salvação a partir da passagem do Filho de Deus pela história da humanidade.

O Verbo Encarnado opera sua salvação através de toda a sua vida terrena. O gesto salvífico da cruz e da ressurreição é o ponto alto não pode ser compreendido sem contemplar toda a sua trajetória de vida. “A revelação do

<sup>28</sup> KESSLER, H., *Cristologia*, p. 223.

<sup>29</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, *Tratado sobre o Espírito Santo*, 35.

<sup>30</sup> CUVA, A., *Jesus Cristo*, p. 607-388.

que seja salvação cristã abrange toda a vida de Jesus Cristo. Só dessa vida recebe ela conteúdo e pertinência existencial”.<sup>31</sup>

Cristo, enviado pelo Pai para cumprir sua missão de sanar o ser humano enfermo, envia, por sua vez, os Apóstolos, “cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura (...) mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos sacramentos”.<sup>32</sup> A Igreja, recebe de Jesus a missão de ser instrumento sanante de Deus. Leva aos cristãos, no seu ministério, a plenitude do culto divino como o próprio Cristo que ora, pois “nosso Redentor mostrou-se como uma só pessoa com a santa Igreja que Ele assumiu”.<sup>33</sup>

Toda a história de Cristo é salvadora. As várias etapas de sua vida encontram-se inseridas em uma profunda relação. Assim, o fato de sua encarnação; tudo o que viveu tanto ao longo de sua vida oculta, quanto em seu ministério público, no anúncio do Reino de Deus, nas suas realizações, nos seus conflitos; até o ponto alto no o mistério de Sua paixão, morte e ressurreição, tudo se implora de tal modo que nenhuma dessas etapas podem ser entendidas sem a outra.<sup>34</sup> O símbolo de Nicéia localiza a ação salvadora de Jesus Cristo em toda a sua vida a partir da encarnação. De fato, esta fórmula de fé afirma que, “por nós homens, e pela nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou no seio da Virgem Maria, e se fez homem”.

O culto divino celebrado e vivido pela Igreja consiste, justamente, na atualização pela celebração litúrgica, da vida do salvador: “o mistério de Cristo continua plenamente no mistério do culto, atingindo nele todos os membros da Igreja espalhados no espaço e no tempo”.<sup>35</sup>

A liturgia é o complexo dos sinais sensíveis de coisas sagradas, espirituais invisíveis instituídas por Cristo ou pela Igreja, eficazes cada um ao seu modo, naquilo que significam e pelos quais Deus (o Pai, por apropriação), por meio de Cristo, cabeça e sacerdote, e na presença do Espírito Santo, santifica Igreja, e a Igreja, na presença do Espírito Santo, unindo-se a Cristo, sua cabeça e sacerdote, por meio dele, como corpo, presta seu culto ao Deus (ao Pai, por apropriação).<sup>36</sup>

<sup>31</sup> MIRANDA, M. F., A salvação de Jesus Cristo, p. 75.

<sup>32</sup> SC 6.

<sup>33</sup> GREGÓRIO MAGNO, *apud* CEC 795.

<sup>34</sup> MIRANDA, M. F., A salvação de Jesus Cristo, p. 75.

<sup>35</sup> CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 55.

<sup>36</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 44.

Assim como os apóstolos, a Igreja recebe o Espírito de Deus para operar sua missão sanante e santificadora do homem: “O Pai, pelo Filho, no Espírito Santifica a Igreja e por ela o mundo. Mundo e Igreja, por sua vez, por Cristo, no Espírito, dão glória ao Pai”.<sup>37</sup>

Pelo mistério da liturgia, o homem faz uma comunhão objetiva com o Senhor. Tal comunhão solicita aos fiéis à oração quotidiana e a se mostrarem dispostos a tomar sobre si, na sua vida, os sofrimentos de Jesus moribundo em vista de uma transformação de todo o homem, a fim de que, “(Deus) aceitando a oferta do sacrifício espiritual, o homem se transforme em oferta eterna”.<sup>38</sup>

Viver na lógica da liturgia implica em experimentar o Mistério Pascal através dos *mysteria-sacramenta* da Igreja: o mistério anterior ao tempo da eterna vontade salvífica de Deus, cumprido provisoriamente no mistério da história salvífica de Israel, realizado verdadeiramente no Mistério Pascal de Jesus Cristo, agora representado no mistério da Igreja e nos mistérios do seu culto, na esperança da sua plena realização escatológica. É a realização do mistério de Cristo na liturgia da Igreja.<sup>39</sup>

A via privilegiada, para serem os cristãos introduzidos no mistério da salvação, permanece nos santos sinais, seguindo com fidelidade a vivência do Ano Litúrgico. Os pastores se empenhem na catequese mistagógica, tão cara aos Padres da Igreja, que ajuda a descobrir o valor dos gestos e das palavras da liturgia, ajudando os fiéis a passar dos sinais ao mistério e a comprometer nele sua existência inteira.<sup>40</sup>

Participar dos ritos litúrgicos é, então, tocar no Senhor para receber dele sua força sanante. Da mesma maneira que o povo que buscava Jesus experimentava a cura no tocar de suas vestes (Mt 9,21), os sinais sensíveis dos ritos litúrgicos levam o orante a experimentar o mesmo toque curador e salvador: “Tudo o que havia de visível em nosso Redentor, passou para os mistérios”.<sup>41</sup>

A celebração viva e genuína das próprias ações litúrgicas implica em conservar o contato com o mistério de Cristo. Indo além do próprio momento da celebração litúrgica, o fiel é chamado a viver no concreto da vida o efeito sonante da liturgia. Através da oração pessoal, no cumprimento dos deveres da vida cristã, no repouso e no trabalho no gesto de tomar as refeições, nos

<sup>37</sup> DP 917.

<sup>38</sup> SC 12.

<sup>39</sup> NEUNHEUSER, B., *Espiritualidade Litúrgica*, p. 373.

<sup>40</sup> MND 17.

<sup>41</sup> LEÃO MAGNO, *Sermão 74,2*.

momentos de alegria ou de dificuldade, a liturgia promove uma cura de modo a levar que tudo, toda a vida, esteja verdadeiramente “em Cristo Jesus”.<sup>42</sup>

A partir da experiência da liturgia, o ser humano, ferido e enfermo pelo pecado, pode experimentar a cura de sua realidade fragmentada. Cristo age pela liturgia para sanar os fiéis em oração. Os homens são salvos para que possam viver e experimentar uma relação redimida com Deus, consigo mesmos, com seus irmãos e com o mundo:

Na verdade, obtém-se conhecimento mais completo e frutuoso dos “mistérios” através das novas explicações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos. Os neófitos foram renovados espiritualmente, saborearam mais intimamente a boa palavra de Deus, entraram em comunhão com o Espírito Santo e experimentaram quão suave é o Senhor. Dessa experiência, que todo cristão possui, e cresce pela prática da vida cristã, adquirem novo senso da fé, da Igreja e do mundo.<sup>43</sup>

Ao celebrarmos a liturgia, somos convidados a inseri-la em nossa vida, vivendo toda a sua capacidade sanante. O Espírito de Cristo opera sem cessar para que a força que promana do Mistério Pascal alcance todos os momentos e realidades. Pela celebração da Liturgia e no Espírito Santo que nela age, somos introduzidos na tensão escatológica “já e ainda não”, ainda no mundo de morte, enfermo pelo pecado, sermos sinais de vida, sarados por Cristo.

Através da celebração da liturgia, seja na celebração dos sacramentos, seja nas liturgias não sacramentais, como a Liturgia das Horas e o Ano Litúrgico, somos convocados a fazer de nossa vida uma Liturgia, uma Eucaristia. Seremos curados pela potência Salvadora de Cristo. Viveremos, então uma vida Epiclética, na invocação constante do Espírito Santo, Anamnética, re-cordando constantemente as maravilhas que o Senhor realizou na História da Salvação e na história da minha salvação e Doxológica, glorificando constantemente ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, sobretudo em minhas ações diárias.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> NEUNHEUSER, B., *Espiritualidade Litúrgica*, p. 375.

<sup>43</sup> RICA 38.

<sup>44</sup> ZIZOULAS, I., *Eucaristia e Reino de Deus*, p. 75-92.

## Conclusão

Deus deseja a salvação dos homens. Diante do homem decaído, Ele age continuamente para resgatar sua preciosa criação. A sublime característica de ter sido criado à imagem e semelhança do Altíssimo indica a vocação do homem.<sup>45</sup> Em sua misericórdia, e grande amor pela humanidade, não cessa de atrair o homem a si, para que somente Nele o ser humano encontre a plenitude da sua realização. Pela queda dos primeiros pais, o homem se torna enfermo, pois não é mais capaz de chegar n'Aquele que atende a todos os seus anseios. Jesus Cristo, imagem do Deus invisível (Col 1,15), revela o homem a si mesmo e traz em si o rosto do ser humano sonhado por Deus.<sup>46</sup> Após o pecado, o homem se encontra fragmentado, dividido, enfermo.

A constituição litúrgica apresenta a história da salvação como base do culto. De fato, a salvação e a cura do povo afastado se dá na concretude de sua existência. O Mistério Pascal de Jesus Cristo, ponto mais alto de toda a economia da salvação, é o depositário de toda a redenção e cura que Deus quer operar no homem. Pela potência do Espírito Divino, o fiel, na liturgia, participa da vida de Cristo, do Mistério Pascal, para receber dele graça, cura e salvação. Neste sentido a Liturgia é via de cura: chama o homem enfermo a fazer experiência verdadeira da vida fecunda e salvadora de Cristo. O Verbo Encarnado está presente de maneira objetiva na liturgia e, pelos seus sinais, toda a assembleia celebrante, tem franco acesso ao Salvador.<sup>47</sup>

Pela celebração de toda oração litúrgica, o homem é sanado, curado e salvo. Celebra, desde já, a liturgia celeste e goza da presença do salvador. Isso é realidade naqueles gestos litúrgicos celebrados nas comunidades paroquiais, mas também na vivência em família, em cada lar, que se constitui numa igreja doméstica, pelas celebrações litúrgicas não sacramentais (Liturgia das Horas) e pela vivência do Ano Litúrgico.

Pelas aclamações litúrgicas, cada fiel celebrante, em sua dor e enfermidade, pode clamar: “Senhor, se queres, tens o poder de me purificar”. E, em todos sinais, gestos, e palavras da liturgia, o Espírito atualiza a presença de Cristo que, tocando o pelos símbolos, responde: “Eu quero! Sê purificado (Mt 8,3)”.

---

<sup>45</sup> CEC 27.

<sup>46</sup> GS 22.

<sup>47</sup> SC 7.

## Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2014.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Homilia sobre Lucas 12**. Homilias sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 1999.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas / Loyola / Ave Maria, 1993.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2011.

CELAM. **Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1979.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: COSTA, L. (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. p. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: COSTA, L. (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. p. 33-86.

CORBON, J. **A fonte da liturgia**. Lisboa: Paulinas, 1999.

CUVA, A., Jesus Cristo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 607-388.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

FINELO, V. G. **A mística litúrgica cristã**. A mistagogia hoje à luz da teologia do mistério presente na Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Rio de Janeiro, 2020. 361p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GIRARDI, L. La salvezza celebrata *per ritus et preces*. Il linguaggio liturgico. In: CENTRO DI AZIONE LITURGICA (Org.). **Salvezza e celebrazione**. “Il Verbo si è fatto carne”. Roma: Edizioni Liturgiche, 200. p. 33-50.

GIRARDI, L. *Sacrosanctum Concilium*. In: NOCETI, S.; REPOLE, R. (Orgs.). **Commentario ai documenti del Vaticano II. Sacrosanctum Concilium-Inter Mirifica**. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2014. p. 81-299. v.I.



JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano**. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine* para o ano da Eucaristia**. São Paulo: Paulinas, 2000.

HARING, B. A dimensão terapêutica da liturgia. Liturgia como terapia. Saúde e salvação no universo ritual. In: Dal PINO et al. **Liturgia e terapia**. A sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 23-40.

KESSLER, H., Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.) **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 219-400. v.I.

LANGELLA, A. A função terapêutica da salvação na experiência da Igreja. Visão diacrônica e reflexão sistemática. In: Dal PINO et al. **Liturgia e terapia**. A sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 100-161.

LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1997.

LESQUIVIT, C.; GRELOT, P. Salvação. In: LEON-DUFOUR, X. (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 938-944.

MILITELLO, C. **La Chiesa “il corpo crismato”**. Trattato di ecclesiologia. Bologna: Edizioni EDB, 2003.

MIRANDA, M. F. **A salvação de Jesus Cristo**. A doutrina da graça. São Paulo: Lyola, 2004.

NEUNHEUSER, B. Espiritualidade Litúrgica. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 370-388.

RUSSO, R. Unção dos Enfermos, In: CELAM (Org.). **Manual de Liturgia**. A celebração do mistério pascal. Os sacramentos, sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005. p. 239-264. v.III.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da iniciação cristã de adultos**. São Paulo: Paulus, 2002.

SANDRIN, L. **Chiesa, comunità sanante**. Prospettiva teológico-pastorale, Torino: Paoline, 2000.

SATTLER, D., SCHNEIDER, T. Doutrina da criação. In: SCHNEIDER, T. (Org.) **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 114-215. v.I.

SPITERIS, Y. **Salvezza e peccato nella tradizione orientale**. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2000.

VAGAGGINI, C. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 44.

ZIZOULAS, I. **Eucaristia e Reino de Deus**. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

***Luiz Fernando Ribeiro Santana***

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Docente de Teologia do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ –Brasil  
E-mail: l.fernando2250@gmail.com

***Fábio Luiz de Souza***

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ –Brasil  
E-mail: pe.fabioluiz@gmail.com

Recebido em: 14/04/2021

Aprovado em: 24/03/2022